

O COMÉRCIO INFORMAL DE PEIXES NA GUINÉ-BISSAU: DESAFIOS E RESILIÊNCIA DAS MINDJERIS BIDERAS¹

Auzenda Victor Có²

RESUMO

Este estudo visa compreender o lugar que as *Mindjeris bideras* de peixe ocupam na sociedade guineense, no mercado de trabalho e na manutenção das famílias. As bideras possuem uma integração na sociedade guineense em decorrência de sua autonomia econômico-financeira. Elas estão envolvidas no comércio informal em diversos setores que tem auxiliado tanto no crescimento da economia quanto no desenvolvimento do país. O presente artigo analisa os desafios enfrentados pelas mindjeris bideras no comércio de peixe na Guiné-Bissau. Esse trabalho se justifica por realizar uma reflexão sobre a situação de *mindjeris bideras* de peixe na Guiné-Bissau, assim como sobre seu empoderamento, analisando as suas atividades comerciais realizadas diariamente a fim de criar o sustento familiar e sua contribuição significativa no crescimento econômico do setor da pesca. Para tanto, utilizou-se o método de abordagem qualitativa e descritiva, através das entrevistas, assim como a pesquisa bibliográfica. Durante a nossa pesquisa, os dados possibilitaram a análise de como as *mindjeris bideras* deram e dão as suas contribuições em prol do desenvolvimento das suas comunidades, familiares e do país. Como disse o ditado em língua guineense (crioulo) *Mindjer i Firkidja di kasa*, isso quer dizer que a mulher é o pilar da casa (responsável pelas despesas de casa). Os resultados mostram que, apesar dos desafios enfrentados, a permanência nessa atividade é impulsionada pela necessidade de assegurar a subsistência familiar e garantir os meios básicos de sobrevivência cotidiana.

Palavras-chave: mulheres bideiras; peixes – comércio – Guiné-Bissau; trabalhadoras.

ABSTRACT

This study aims to understand the place that Mindjeris fish bideras occupy in Guinean society, in the labor market and in the maintenance of families. The bideras are integrated into Guinean society as a result of their economic and financial autonomy. They are involved in informal trade in various sectors that have helped both the growth of the economy and the development of the country. This article analyzes the challenges faced by mindjeris bideras in the fish trade in Guinea-Bissau. This work is justified by a reflection on the situation of fish mindjeris bideras in Guinea-Bissau, as well as on their empowerment, analyzing their daily commercial activities in order to create family livelihood and their significant contribution to the economic growth of the fishing sector. To this end, the method of qualitative and descriptive approach was used, through interviews, as well as bibliographic research. During our research, the data made it possible to analyze how the mindjeris bideras gave and give their contributions to the development of their communities, families and the country. As the Guinean (Creole) saying *Mindjer i Firkidja di kasa* said, this means that the woman is the pillar of the house (responsible for household expenses). The results show that, despite the challenges faced, the permanence in this activity is driven by the need to ensure family subsistence and guarantee the basic means of daily survival.

Keywords: women fishmongers; fish – trade – Guinea-Bissau; female workers.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Andressa de Freitas Ribeiro.

² Mestranda em Turismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bacharela em Humanidades e graduanda na licenciatura em Ciências Sociais pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

A motivação para a realização deste trabalho sobre **“o comércio informal de peixes na Guiné-Bissau: desafios e resiliência das mindjeris bideras³”** surgiu de uma experiência pessoal. É fundamental destacar que a vida é, na verdade, um entrelaçamento de contingências históricas em vez de uma jornada com um destino previamente estabelecido. Fatores se entrelaçam, novas experiências surgem e transformam nossa existência e direcionamento. Contudo, muitos foram os caminhos que me levaram a iniciar esta investigação, todos eles resultantes de diferentes épocas que se entrelaçam com as narrativas familiares que me trouxeram até aqui. Fui criada em um ambiente onde as mulheres desempenham papéis centrais nos mercados, suportando não apenas o peso dos peixes, mas também garantindo o sustento de suas famílias. Assim como muitas outras mulheres bideras, minha trajetória é um reflexo de resiliência e dedicação em meio aos desafios diários da minha mãe.

Cresci em uma família numerosa, de ambos os lados. Do lado da minha mãe, somos sete filhos, enquanto no lado do meu pai, somos treze filhos, pois ele teve quatro esposas. Assim, tanto do lado materno quanto do paterno, tenho muitos primos e sobrinhos. Entretanto, tenho mais convívio com a família da minha mãe, já que não mantenho contato direto com os parentes do meu pai. Meus avós maternos tiveram nove filhos, sendo cinco mulheres e quatro homens. Todas as mulheres da família se dedicam à agricultura e são bideras, assim como os filhos delas.

Minha família tem se caracterizado por diversos trabalhos profissionais dentro do Reino de Tôr. Meu avô, que não conheço muito bem, era um tecelão de *"Kndjennssen"*⁴. Esta esteira tem uma importância inestimável e é regularmente usada para cerimônias fúnebres, religiosas, em casamentos e é usada para deitar-se. Não se sabe ao certo como o meu avô adquiriu os conhecimentos, mas tudo indica que foi uma herança geracional.

Meu avô de nome *"Oker-anhi"*, numa tradução, a palavra significa "chegada da morte", mas neste caso, refere-se a uma espécie de flagelo que assola a sociedade. Inicialmente, as *"Kndjennssen"* que meu avô fazia não eram para fins comerciais ou mercantil. Mas ele dava de graça para satisfazer pedidos de amigos, familiares e até desconhecidos. O mínimo que se fazia, trocava com outros bens materiais ou alimentos. Com a introdução da moeda propriamente dita, as pessoas passaram a fazer encomendas e pagavam pelo produto feito.

³ A palavra Mindjeris Bideras é da língua guineense (crioulo), que é usada para referir as mulheres vendedoras de peixe, envolvidas no comércio informal. Acharmos importantíssimo trazer esse conceito que traz a identidade do nosso país, mostrando a sua relação significativa com a sociedade guineense.

⁴ Uma espécie de esteira sagrada da etnia pepel, feita de pele de planta.

De acordo com a entrevista que fiz com meu primo Neemias Antônio Nanque (2024), a planta através da qual se extrai a pele não existe no reino de Biombo e nem no Reino de Tôr. Só existe nas profundas matas de Picisse e Geta, ilhas povoadas majoritariamente pelo grupo étnico Mandjaco. Caso concreto da ilha de Picisse, apesar de pertencer territorialmente a etnia Mandjancos, não era povoada por eles, servia de uma colônia de pescadores e outros serviços que os pepelis de Biombo e de Tôr desenvolviam na ilha durante muitos anos. Segundo Nanque, durante a chamada "campanha de pacificação", uma ação de ataque e pilhagem levada a cabo pelos portugueses contra os pepelis, com a missão de os submeter a cobrança dos impostos, o que nunca aconteceu, levou os reis desses dois reinos a enviarem crianças e mulheres e todos os artefatos sagrados para ilha. No final deste período de quase 12 anos, alguns pepelis passaram a viver na ilha mantendo alguns artefatos até hoje. Portanto, apesar da etnia Mandjaco representar quase 70% dos habitantes da ilha, o poder de regulado é exercido exclusivamente por quem tem uma ligação pepel, isso quer dizer que, só quem é pepel ou foi nascido na barriga de uma pepel pode governar. Interessante, os mandjancos nunca reivindicaram sobre isso.

Voltando à esteira "Kndjennssen", a árvore só existe nestas ilhas e meus tios e avô viajavam e ficavam dias e até semanas na ilha para cortar a planta com extensão de quase 3 metros. A planta colecionada é trazida para Tôr de canoa a remo, e é colocada para secar depois extrair a pele ou cavaco. Depois da morte do meu avô, todos os meus tios passaram a exercer as mesmas funções, mas um encarou o trabalho tal qual o meu avô. A minha avó Cumoinco Indi era pescadora; ela utilizava redes para a pesca familiar, garantindo a subsistência. Além disso, ela cultivava arroz e legumes para consumo da família, vendendo o excedente. As outras pessoas da família estão envolvidas noutras profissões que também têm importância enorme para nossa sociedade.

Assim, quase todos os membros da minha família se dedicam ao trabalho como *bidera*, mas em diferentes ramos de comércio. Essas atividades de venda foram herdadas de meus avós e representam a nossa maneira de garantir a sustentabilidade familiar, uma vez que muitos dos familiares estão sem emprego, ou seja, não trabalham na administração pública e, muito menos, em empresas privadas com contratos feitos, já que a maioria não possui formação escolar, ou melhor, não são letrados.

Minha mãe é a única filha dos meus avós que reside na cidade de Bissau; seus irmãos residem na região de Biombo. Durante muitos anos, ela trabalhou como cozinheira em uma empresa chamada Armazém do Povo e, devido à grande quantidade de trabalhadores, a panela que ela usava para cozinhar não era suficiente para preparar a comida para todos os funcionários da empresa, ela procurou outra solução, decidiu inovar e começou a cozinhar em um tanque de

80 a 100 litros para atender à demanda. No entanto, após a guerra de 7 de junho de 1998, tudo mudou no país e a situação se deteriorou. Com o passar do tempo, minha mãe começou a vender arroz no bairro de Blóla, que fica no centro da cidade. Ela comprava o arroz com os estivadores, obtendo um preço mais baixo, e o colocava em vasilhas para venda; ainda o mede em latinhas de um quilo por preços acessíveis. Paralelamente, também atendia outras demandas, vendendo comida em um espaço de lazer no porto de Pindjiguiti, onde servia funcionários e comerciantes que frequentavam o local. Dessa forma, ela conseguiu nos sustentar por meio dessas vendas, uma jornada dupla que ela realizava na época e que carregava um significado profundo.

Anos depois, as atividades comerciais mudaram para o porto de rampa, localizado no bairro de Bandim. Minha mãe, incansável, continuou a vender alimentos e bebidas alcoólicas, entre outros produtos. Com o passar do tempo, ela se tornou comerciante de peixe adquirindo os melhores exemplares, levando-os para casa, fazendo a limpeza e defumações, e depois distribuindo em diferentes mercados e regiões do país. Atualmente, ela voltou para nossa aldeia na região de Biombo, iniciando um trabalho de hortelã junto com minhas tias. Elas cultivam legumes como quiabo, pimentão, pimenta, tomate, Djagatu (jiló), berinjela, feijão, entre outros. Quando a colheita está pronta, ela leva os produtos para vender no mercado de Caracol, atuando como comerciante dos próprios produtos.

Na minha família, muitas pessoas se dedicam à atividade de vender peixes. Como mencionei anteriormente, minha mãe, minha irmã, meu irmão, minhas primas, sobrinha e eu estamos envolvidos nesse ofício. Meus cunhados também são pescadores, assim como as mulheres que comercializam os peixes. Esse legado familiar prosseguiu com minha irmã, que iniciou sua jornada nesse ramo do comércio vendendo carvão e, posteriormente, legumes. Em 2002, começou o comércio de peixes, seguindo o mesmo processo que minha mãe utilizava: adquirindo os peixes diretamente dos pescadores no porto de Bandim ou com as mulheres intermediárias dos pescadores. No entanto, minha irmã costumava comprar cinco ou seis bacias cheias de peixes de diferentes espécies, e no início levava todos para o mercado do Caracol para comercialização. No final do dia, ela levava para casa os restos de peixes não vendidos para conservar, defumava alguns e outros eram congelados.

Com o tempo, ela começou a expandir suas vendas, comercializando peixes em diferentes mercados da cidade e em algumas regiões do país. O local que ela mais visitava é a zona Leste, pois há uma escassez de peixes nessa região ou na localidade onde ela vendia, ao contrário das espécies que podem ser encontradas em Bissau. Atualmente, minha irmã e o meu cunhado estão numa aldeia na região de Biombo, dedicando-se à pesca. Eles passaram essa tradição de venda de peixes para a filha mais velha. Após desembarcarem os peixes na área

pesqueira, os pais os levavam até a rodoviária, onde enviavam para a filha retirá-los e vendê-los na Rampa Porto de Bandim.

Relato a minha própria experiência enquanto vendedora de peixes durante muito tempo. Na altura, tinha 10 anos de idade, nem começava a estudar no ensino básico, o que significa que não entrei na escola numa idade adequada para a escolarização recomendada pela Lei de Base do Sistema Educativo guineense, quer dizer iniciei o processo de alfabetização tardiamente, porque a minha mãe não tinha condições para sustentar o meu estudo na altura. Eu pegava os peixes já defumados e levava ao mercado de Caracol, Quelelé e em outros mercados para vender. O fluxo era muito bom, as bideras traziam os seus produtos de diferentes regiões para abastecer o mercado a fim de comprar os alimentos para o sustento dos familiares em casa. Tinha muitos fregueses (clientes) na altura e que ficavam admirados comigo, e alguns até diziam que, apesar da minha idade, eu já estava empenhada nos negócios para ajudar a minha mãe, mas não sabiam que era a minha irmã que eu estava ajudando. De fato, eu era muito esperta, passava trocados muito bem e sabia negociar com os clientes.

Em 2005, decidi seguir o meu sonho de estudar, e fui matriculada numa escola pública chamada Amizade Guiné-Bissau Suécia, conhecida como Perré, onde fiz o ensino básico. Depois fui estudar o ensino secundário no Liceu Dr. Agostinho Neto, onde concluí com sucesso o 12º ano, mas com muitas dificuldades tendo em conta a condição financeira. No momento, tomei a iniciativa e disse que já estava acostumada a vender peixes e outros produtos alimentares, então decidi continuar me dedicando a venda de peixes para financiar meus estudos, pois na altura precisava de dinheiro para fazer matrícula, depois pagar as minhas mensalidades e, sobretudo, para comprar os textos de cada disciplina. Isso me motivou muito a não parar mais, levantava cedinho todas as manhãs para ir procurar peixe no porto, ou seja, comprar para revender no mesmo local para pessoas que vão abastecer nos mercados, debaixo do sol e de chuva até as 11 horas ou 12 horas. Eu chegava em casa, preparava o almoço e depois iria para escola. Às vezes, não vendia quase nada e, neste caso, começava uma luta para procurar um lugar onde podia conservar o pescado para não estragar, uma vez que no porto não havia lugar de conservação de graça, ou seja, tem lugares de conservação, mas com a condição de quem colocava peixe nos frigoríficos tinha que pagar todos os dias. Então, se a pessoa ficava sem vender nada, não havia condições de pagar a conservação dos seus produtos que, na maioria dos casos, podiam facilmente estragar.

Quando fui aprovada no Processo Seletivo de Estudante Estrangeiro (PSEE) da UNILAB, não tinha recursos financeiros suficiente, porque o dinheiro antes não dava para arcar com todo o processo, que vai desde a confecção dos documentos básicos até ao custeio do visto

e compra do bilhete de avião. Daí comecei a viajar para diferentes regiões do país, tais como Bambadinca, Mansoa, Bafatá, Gabu, etc., para vender peixe nos mercados populares, chamadas *Lumu*. Eu saía geralmente às duas horas da manhã e voltava meia noite (00:00h), todos os dias com muito sacrifício e dificuldade de ter acesso ao transporte, além de cansaço de andar nas ruas até altas horas, passando por ruas e bairros perigosos. Às vezes, as bideras que faziam a mesma luta diária para obter a subsistência para suas famílias eram assaltadas e acabavam perdendo tudo para os assaltantes.

Ao migrar para o Brasil, em São Francisco do Conde, Bahia, eu continuo a prática da venda de peixe, especialmente bagres, adquiridos na feira e preparados conforme a minha preferência. No entanto, o processo de defumação a lenha passou a ser realizado em locais como a casa de amigos, ou estabelecimentos específicos no Don João, na casa de zé de guaiamum; eu colocava os tijolos em cima dos outros e sobrepunha grelha de fogão em cima, tudo isso faz parte da produção, adicionando um toque artesanal e tradicional ao meu trabalho. Após o processo de defumação, os peixes são enviados com outros produtos Tchebém (dendê) e mancara (Amendoim torrado) para outros estados do Brasil, como Curitiba - PR e Redenção - CE, demonstrando a expansão e alcance da minha atividade comercial. Atualmente, não estou fazendo mais as vendas dos peixes, mas continuei me dedicando nos negócios de cosméticos e perfumaria também fazendo as tranças no salão.

Assim, ao refletir sobre minha trajetória como mulher bidera, reconheço as numerosas batalhas que passei e os sucessos que consegui. Tenho plena consciência de que o futuro será desafiador, mas mantenho minha determinação em persistir na luta pelos meus sonhos e pelos direitos das mulheres da minha comunidade, que se esforçam diariamente para sustentar suas famílias. No fundo de cada mulher bidera, há uma luz incansável de esperança e resiliência, que nos orienta rumo a um futuro em que haja igualdade e oportunidades para todos.

Dito isto, o presente artigo almeja analisar tanto os desafios enfrentados pelas mindjeris bideras no mercado de peixe na Guiné-Bissau, com foco em suas atividades comerciais diárias que visam garantir o sustento de suas famílias, quanto o lugar que elas ocupam na sociedade guineense e no mercado de trabalho informal. As ideias expressas neste artigo são resultado do projeto de pesquisa realizada em Bacharelado em humanidades nos anos de 2023 sobre mindjeris bideras de peixe inseridas nesse meio.

Atualmente, podemos enxergar a participação ativa de várias mulheres bideras no desenvolvimento econômico, sobretudo em Guiné-Bissau, as bideras estão envolvidas no comércio informal em diversos setores que contribuem para o desenvolvimento do país. Para Có (2023), o comércio tem grande importância e serve como a forma de circulação de produtos

de primeira necessidade. Além disso, é uma das formas de prestar o serviço para população de uma comunidade ou de um país. Não só isso, mas constitui também umas das principais atividades econômicas do país e é um instrumento fundamental de combate à pobreza. No caso específico da Guiné Bissau, o comércio informal tem sido dominante, e muitas atividades dessa natureza são efetuadas com intuito de garantir a sobrevivência. (Có, 2023).

De acordo com Bialoborska (2024, p. 6) “O informal abrange a esmagadora maioria da população guineense, directa ou indirectamente e, dadas as características rurais do país, é muito reduzido o número daqueles que se encontram integrados no sistema formal”. Portanto, a cidade de Bissau tem sido não apenas o centro das diversas atividades estatais do país, assim como é um lugar de movimentação das economias familiares.

As atividades comerciais têm impacto positivo na sociedade guineense, são reconhecidas, no país, como um pilar importante para o desenvolvimento socioeconômico. Da mesma forma que a comercialização de peixe tem muita relevância tanto nas receitas públicas como na subsistência e manutenção das famílias. Assim, o setor da pesca faz parte de um dos setores mais importantes na economia na Guiné-Bissau, devido às licenças assinadas com outros países, pescadores internos com os seus parceiros comerciais, incluindo as *Mindjeris Bideiras*.

Essas *bideras* desempenham uma função fundamental na cadeia de comercialização de peixe em todo território nacional, assim como internacional, geralmente essas mulheres compram peixe diretamente de pescadores ou nas embarcações pesqueiras e o vendem em mercados locais e sub-regionais. *Mindjeris* também exercem um papel primordial na tradição familiar, uma vez que são responsáveis pelo sustento da família, gestão da casa e educação dos filhos. São elas que passam a ocupar os lugares dos maridos nas principais atividades a nível da família, devido à alta percentagem do desemprego no país que afeta a camada masculina.

Para esse trabalho problematizamos o seguinte: Quais são as dificuldades e problemas enfrentados pelas *Mindjeris bideras* de peixes? Como se dá a gestão econômica delas para assegurar o sustento familiar? É importante frisar, que essas mulheres se deparam com vários problemas de ordens financeiras e não tem nenhum apoio interno e externo.

Nessa ótica, as *mindjeris* lutam diariamente custeando essa atividade com os seus próprios recursos, meios financeiros escassos e baixo nível de capital. Sobretudo, há falta de instituições estatais e privadas financiadoras de créditos e materiais de apoio que fazem parte das rotinas das *bideras*. Para além disso, existem poucos meios de transporte de cargas ou mercadorias o que dificulta a mobilidade delas e espaço de instalação de vendas dos produtos. Por outro lado, algumas *bideras* enfrentam problemas de documentação que as impedem de

circular livremente dentro do país, assim como nas fronteiras dos países vizinhos com os seus produtos na entrada, bem como na saída, tudo isso gera grande preocupação.

A escolha do tema deve-se em primeiro lugar à experiência pessoal já referida acima. Em segundo lugar, vejo a importância de realizar um trabalho acadêmico que possa trazer reflexão sobre a situação de *mindjeris bideras* de peixe na Guiné-Bissau. E, por fim, a nossa pesquisa pode impulsionar grandes debates na arena política sobre as bideras de peixes de forma a contribuir para regulamentar o setor pesqueiro e melhorar as condições nos mercados em que elas praticam as suas atividades. O presente trabalho é pertinente como possibilidade de abordagens e reflexões sobre a situação dessas atividades informais no país; além disso, poderá servir de guia informal para a compreensão do contexto dessas *mindjeris* e, principalmente, na implementação de futuras políticas públicas pelo governo. Essas políticas públicas vão ajudar essas mulheres que saem das suas casas com o objetivo de procurar os produtos de venda no mercado para sustentar os seus familiares. (Auzenda Victor Có, 2023).

O objetivo deste artigo é, portanto, analisar os desafios enfrentados pelas *mindjeris bideras* no comércio de peixe na Guiné-Bissau assim como analisar a relevância desse trabalho para o sustento das famílias e economia local. Pretende-se também analisar as exigências do Estado para regulamentação do setor. Para alcançar o objetivo proposto foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa e descritiva, através de entrevistas semi-estruturadas (Quivy; Campenhautd, 1998), também uma pesquisa bibliográfica a partir da identificação e análise de livros e de outros materiais, tais como artigos científicos, dissertações e teses relacionadas às temáticas centrais da pesquisa.

Os resultados desta pesquisa possibilitaram a análise de como as *mindjeris bideras* deram, e dão, suas contribuições em prol do desenvolvimento das suas comunidades, familiares e do país. Elas exercem uma atividade que contribui para as dimensões econômicas, sociais e políticas do país. Este trabalho também nos permite entender quais as dificuldades que as bideras enfrentam no percurso de comércio informal, a sua inserção social, os tipos de sacrifício diários enfrentados por elas. Essas atividades comerciais têm impactos positivos na sociedade guineense, são um pilar importante para o desenvolvimento socioeconômico.

Também, as *mindjeris bideras* e transformadoras do pescado exercem um papel crucial no abastecimento dos mercados nacionais em pescado e conseqüentemente na melhoria da dieta alimentar das nossas populações, assim como na transformação, transporte e comercialização do pescado. Além disso, as *mindjeris bideras* são as que mais cuidam do processo de ensino-aprendizagem dos filhos, ou seja, da educação e da sobrevivência das suas filhas e dos seus filhos. Apesar dos desafios enfrentados, a permanência nessa atividade é impulsionada pela

necessidade de assegurar a subsistência familiar e garantir os meios básicos de sobrevivência cotidiana.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: primeiro, aborda os caminhos metodológicos que foram percorridos durante toda a pesquisa; segundo, a localização da Guiné-Bissau; terceiro, construímos as discussões sobre a comercialização de peixes na Guiné-Bissau; a quarta secção é destinada a análise sobre o impacto econômico das *Mindjeris Bideras* de peixes na economia do país; na quinta secção é apresentada as dificuldades e os problemas enfrentados pelas *mindjeris bideras* de peixes, nos seus locais de compra e venda; na sexta secção, procuraremos a partir dos resultados das entrevistas trazer as *mindjeris bideras* de peixe, com foco em suas atividades comerciais diárias que visam garantir o sustento de suas famílias, o lugar que as *mindjeris bideras* de peixes ocupam na sociedade guineense, e no mercado de trabalho informal.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta secção, apresentamos os caminhos metodológicos para a realização deste trabalho. Para concretização deste trabalho, realizamos uma abordagem qualitativa e descritiva. Conforme Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de uma determinada realidade social. Os autores mostram que é preciso construir uma relação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado, que decorre de afinidades de poder que permitirão o diálogo sobre suas experiências.

Esta pesquisa foi realizada a partir de entrevistas e questionários com sete pessoas e dividido por três grupos diferentes: *Mindjeris Bideras* de peixe; filhos/as de *mindjeris bideras* de peixe e funcionário do ministério das pescas. As entrevistas e os questionários ocorreram com pessoas de regiões diferentes, Bissau, Bambadinca e no Brasil. Elas tinham como objetivo comparar as percepções dos(as) interlocutores (as) sobre os desafios enfrentados pelas *mindjeris bideras* de peixes nas suas atividades comerciais diárias e entender como se dá a gestão econômica delas para assegurar o sustento de suas famílias, o lugar que elas ocupam na sociedade guineense, e no mercado de trabalho informal.

As perguntas das entrevistas foram elaboradas em língua portuguesa, mas foram traduzidas e aplicadas na língua guineense (Crioulo guineense) de uma forma oral para facilitar a compreensão das entrevistadas, visto que essa é a língua com a qual elas se sentem mais à

vontade. Apesar de a língua oficial da Guiné-Bissau ser o português, ela não é usada diariamente. A transcrição das entrevistas foi traduzida novamente para o português.

Durante a pesquisa, foram entrevistadas quatro mindjeris bideras de peixe, de diferente grupo étnicos e cultura com idades entre 27 e 50 anos. Duas entrevistas foram realizadas por mim, com as bideras de peixe que atuam em Bissau, as entrevistas aconteceram através de conversas telefônicas e nas redes sociais, via WhatsApp, porém, essas pessoas não tiveram acesso ao formulário. Eu contei com a colaboração do meu sobrinho para a realização de duas entrevistas com mindjeris bideras em Bambadinca, em uma pequena cidade que fica localizada na zona leste da Guiné-Bissau. Administrativamente, pertence à região de Bafatá, é uma cidade situada num ponto estratégico do país, ou seja, na parte central da zona Leste do país e isto proporciona uma ligação entre as províncias Norte, Leste e Sul.

Para Gil (2008), a entrevista é uma técnica usada pelo entrevistador para obter seus resultados, realizadas de forma interativa, onde o entrevistador formula perguntas que são respondidas pelas entrevistadas, visando alcançar os objetivos da pesquisa. “A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é um diálogo assimétrico, no qual uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. (Gil, 2008, p. 25).

Todas as entrevistas contaram com a minha supervisão, também com a minha pessoa como bidera de peixe. Deste modo, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de cunho participante e exploratório. Explorar determinado assunto visa reunir conhecimentos, incorporar novas informações e conceber novas perspectivas. Segundo a concepção do Gil, (2016, p. 44):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para os estudos posteriores. Tem como objetivo proporcionar uma visão geral acerca do determinado fato.

Nesse sentido, a pesquisa exploratória possui como finalidade proporcionar familiaridade com a temática pesquisada, auxiliar na delimitação do tema e dos objetivos.

Os questionários foram aplicados por meio de google formulário e respondidos por três pessoas. Duas estudantes da UNILAB aqui no Brasil, que são filhas de bideras de peixe e um funcionário de ministério da pesca que respondeu por escrito, e entre 26 e 46 anos de idades.

Antes de formulário com as questões fora enviado para os nossos interlocutores (as), eu e meu amigo realizamos um teste piloto para verificar a adequação das perguntas e garantir a

clareza necessária, onde concluímos que as respostas coletadas estavam francamente relacionadas à compreensão individual sobre mindjeris bideras. Depois os questionários foram enviados pelo link via WhatsApp e teve duração de espera de duas semanas.

Também utilizamos informações e dados governamentais retirados das redes sociais como Facebook e Instagram tendo em vista a precariedade dos dados e fontes oficiais.

Para resguardar o anonimato dos meus interlocutores/as, estou utilizando nomes fictícios. Os(as) nossos(as) informantes responderam todas as perguntas.

3 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA GUINÉ-BISSAU

A Guiné-Bissau é uma nação soberana, democrática, laica e unitária, um país tropical, situado na Costa Ocidental da África, parte oeste do continente. Faz fronteira ao norte com o Senegal e a leste e sul com a Guiné-Conacri, cobrindo uma área total de 36.125km², e tem cerca de 1.5 milhões de habitantes (um milhão e cinquenta mil), conforme dados do Anuário Estatísticas Vitais da Guiné-Bissau, 2018-2022. O país está dividido em nove regiões e em três províncias: Leste (regiões de Gabú e Bafatá) com 42% da superfície do território nacional, Norte (regiões de Oio, Cacheu e Biombo), 31,6% da superfície e Sul ou meridional (regiões de Tombali, Quínara e Bolama - Arquipélago dos Bijagós) extensão de 26,22% da superfície, correspondendo a oito (8) regiões e, um Setor Autónomo de Bissau (SAB), a capital política, económica e administrativa do país com 2,1% da superfície total. As regiões estão subdivididas em trinta e oito (38) setores administrativos, 103 seções e cerca de 4.500 tabancas-aldeias (Cabral, 2019, p. 113).

A Guiné-Bissau é um país com cerca de 30 grupos étnicos, tais como: Pepel, Fula, Mandinga, Mandjaco, Fulupe, Mancanha, Nalu, Biafada, Mansonca, Balanta, Bijagó, entre outros. Cada etnia tem a sua própria língua, tradições, usos e costumes. O país também esteve ocupado por Portugal durante alguns anos do século XX, com isso a língua portuguesa se tornou oficial. A diversidade cultural e recursos naturais é o maior potencial do país. O país ainda conta com o arquipélago dos Bijagós, formado por diversas ilhas de origem vulcânica, com alta diversidade de habitats marinhos, o qual oferece condições propícias para abrigar grande diversidade de crustáceos, moluscos e peixes (Gordinho Afonso Té, 2005).

Figura 1 - Mapa de Guiné-Bissau

Fonte: Maps of world. Disponível em:

<https://br.pinterest.com/pin/742179213585429290/>. Acesso em: 23. mar.2026.

4 A COMERCIALIZAÇÃO DE PEIXES NA GUINÉ-BISSAU

A Guiné-Bissau possui um dos mares mais ricos da África Ocidental, a pesca é um dos setores de maior importância na economia da Guiné-Bissau. A produção pesqueira nacional apresenta um potencial estimado de 250.000 toneladas anuais. Contudo, os níveis efetivos de exploração observados nos anos de 2017, 2018 e 2019 situam-se em uma média de 130.300 toneladas por ano. Esse setor corresponde a aproximadamente 4% do Produto Interno Bruto (PIB) e contribui com cerca de 40% para o Orçamento Geral do Estado, sobretudo por meio da comercialização de licenças de pesca (Guiné-Bissau, 2020; Teixeira,2022).

Nos últimos anos, foram feitos acordos de pesca com alguns países, nos quais esses países pagam pelo direito de pescar nas águas guineenses. Conforme declarou Dionísio Pereira, ex-ministro das Pescas da Guiné-Bissau, em publicação divulgada no Facebook em 05 de setembro de 2025, embora o volume de pescado exportado pelo país seja expressivo, parcela significativa dessa produção não é incorporada ao Produto Interno Bruto (PIB), uma vez que as correspondentes divisas não ingressam no território nacional. Segundo Pereira (2025), as transações financeiras são processadas por intermédio de instituições bancárias internacionais situadas fora da esfera de controle do sistema financeiro guineense. Acrescenta-se que, em diversas situações, embarcações estrangeiras realizam atividades pesqueiras em águas nacionais e efetuam o desembarque diretamente em portos europeus, países vizinhos ou

asiáticos, restando ao Estado apenas uma parcela reduzida das receitas, sob a forma de licenças ou taxas de caráter meramente simbólico.

Pereira (2025) salientou ainda que, enquanto relatórios internacionais de 2025 estimam que o montante anual da captura de pescado possa ultrapassar entre 200 e 300 milhões de dólares, os dados oficiais registram somente uma parcela desse montante — aproximadamente 10% no total. A diferença, conforme observado, dilui-se nos circuitos informais da pesca não declarada e nos fluxos financeiros internacionais de difícil rastreamento.

O sociólogo guineense Miguel de Barros, em entrevista concedida à KATUMBI TV em 30 de dezembro de 2022, destaca que Cacine constitui uma das principais zonas de produção pesqueira do país, onde foi implantada uma estrutura voltada à pesca artesanal. Entretanto, essa área foi posteriormente alugada pelo Estado guineense a uma empresa de origem coreana, que realiza a captura direcionada a uma única espécie. A produção obtida é integralmente destinada ao mercado europeu, sem reconhecimento como produto nacional, uma vez que não possui rotulagem que identifique sua origem na Guiné-Bissau.

Adicionalmente, Barros (2022) enfatiza que os recursos pesqueiros explorados nas águas marítimas da Guiné-Bissau são submetidos a processos seletivos pela referida empresa, que determina os agentes autorizados a comercializar os produtos sob determinadas certificações. Ressalta-se ainda que esses pescados não são consumidos internamente, tampouco contribuem de forma significativa para a distribuição de renda em âmbito local. Ademais, há uma limitada integração com o Estado, evidenciada pela ausência de processamento industrial em Bissau e pela inexistência de certificação nacional.

Segundo Barros (2023), o setor pesqueiro na Guiné-Bissau organiza-se em três principais mercados: o europeu, operando mediante licenças de pesca; o sub-regional, estruturado por acordos com países como Senegal e Guiné Conakry, destacando-se a exportação de pescado fumado proveniente de Cacine; e, por fim, o mercado asiático, conforme informações adicionais fornecidas pelo autor por meio da plataforma Instagram. (conversa verbal, 2023).

Conforme o Té, Afonso Gordinho (2005) destaca, no país antes da Independência em 1974, a pesca era realizada exclusivamente por meio de um sistema de produção artesanal. Este modelo utilizava técnicas rudimentares e apresentava características típicas de uma atividade voltada à subsistência. Nessa direção, a pesca artesanal desempenha um papel crucial na segurança alimentar e na vida das comunidades locais, uma vez que o peixe proveniente dos rios da região é essencial para a alimentação das famílias e é objeto de comercialização.

A Lei Geral das Pescas da Guiné-Bissau Decreto-Lei n.º 10, artigo 4º/2011, caracteriza a pesca artesanal como a atividade exercida em rios, estuários ou no mar territorial, realizada por embarcações movidas a remos, velas ou motores fora de borda com potência igual ou inferior a 60 Cavalos-Vapor (C V) e comprimento máximo de até 18 metros (Guiné-Bissau, 2011). Além disso, essa modalidade de exploração de recursos pesqueiros foi a primeira a empregar centenas de pessoas, em sua maioria mulheres, que atuavam como intermediárias entre os pescadores e os consumidores, conhecidas localmente como bideras. Assim como ocorre em muitas áreas costeiras ao redor do mundo, os povos que habitavam a costa guineense já implementavam práticas para extrair benefícios de seus recursos terrestres e marinhos.

De acordo com Sá (2017), tais comunidades das regiões costeiras da Guiné-Bissau utilizavam instrumentos tradicionais e técnicas mais rudimentares como a camboa (barreira construída de varas), o cana2mine (barreira de pedras) e a lança para a prática da pesca. Com o passar do tempo, estes instrumentos foram sendo substituídos, dando lugar às pequenas embarcações feitas de troncos de árvores e redes introduzidas progressivamente pelos pescadores estrangeiros e pelos projetos de desenvolvimento do setor. Na Guiné-Bissau, são utilizados principalmente dois tipos de embarcações na pesca artesanal, canoa movidas à vela ou casco a remo e motorizadas. Para Te. Godinho Afonso (2005), o tamanho das canoas motorizadas varia entre 10-15 metros de comprimento total, com potência de motor entre 14 - 40 HP; o tamanho das pirogas ou canoas movidas a remo ou à vela, varia entre 5-7 metros de comprimento no total.

Segundo Fernandes (2012), as mulheres figuram como protagonistas iniciais das atividades de pesca artesanal, sobretudo nas áreas de reprodução das espécies, denominadas “barriga dos rios”, onde os peixes nascem. Essa prática de pescar é realizada de maneira específica, frequentemente a pé, evidenciando um saber-fazer específico feminino. Destaca-se, ainda, que a maioria das mulheres desenvolve essas atividades de forma autônoma, sem o apoio dos maridos, especialmente nas etapas de transformação e comercialização do pescado.

Contudo, observa-se, na atualidade, um progressivo afastamento das mulheres das atividades de captura, em decorrência da crescente inserção masculina nesse setor. Esse movimento é impulsionado, em grande medida, pela migração de pescadores conhecidos como “Nhómincas”, oriundos do Senegal, predominantemente homens, que passam a atuar nas águas da Guiné-Bissau. Nesse contexto, as mulheres tendem a concentrar-se nas atividades de comercialização dos peixes, em detrimento da pesca propriamente dita. Ainda assim, em determinadas regiões, como Biombo, Bolama, Cacine e Bijagó permanece intensa a participação feminina nas atividades pesqueiras.

A comercialização de peixes representa uma atividade potente no país, gerando cerca de bilhões de Franco CFA anualmente. Ela não apenas atende à demanda interna, mas também realiza exportações para diversos países. O mercado de pescado na Guiné-Bissau é bastante significativo, apresentando-se como uma oportunidade de negócio promissora. Para (Kebé et al., 1993) citado por Sá (2017, p. 70),

Os proprietários de embarcações e instrumentos de pesca representavam 41% do efetivo total. O restante (59%) era constituído de pescadores sem quaisquer meios de produção. Estes eram simplesmente membros da tripulação e ajudantes. A maioria dos donos era nacional e pertencia essencialmente a cinco grupos étnicos: Bijagós, Papeis, Balantas, Felupes e Mandingas. Os pescadores e armadores estrangeiros existentes na Guiné-Bissau vinham principalmente dos países da sub-região como Senegal (50%), Guiné Conacri (40%), Cabo Verde (3%), Mali (2%), Gâmbia, Serra Leoa e outros, completando o percentual restante. (Gil Sá, 2017, p. 70).

A competitividade se intensifica quando as vendas ocorrem em grandes volumes, principalmente em centros atacadistas localizados por todo o país. Isso resulta em uma redução nos preços dos produtos, permitindo que o consumidor final os adquira por valores mais acessíveis. Devido à classificação do peixe como uma fonte de proteína animal saudável, muitos estabelecimentos têm investido nessa proteína, atraindo clientes e potencializando seus lucros, uma vez que os peixes são mais consumidos na Guiné-Bissau. Contudo, a distribuição dos peixes é um processo complexo que deve ser ágil, já que os produtos precisam ser transportados frescos ou congelados. Em vista disso, a eficiência é crucial para assegurar a qualidade do pescado que chega ao consumidor, sabendo que o funcionamento do canal de distribuição influencia diretamente o preço do produto.

No entanto, o procedimento de comercialização de peixes envolve diversos aspectos, como a forma de venda, o transporte, o armazenamento e a conservação: a venda de peixes é feita pelos pescadores e os intermediários, muitas das vezes a venda é informal e acontece em portos, na praia ou nas margens de rios, lagos e lugares de embarcação feita pelos próprios pescadores, também realizados diretamente na sua propriedade ou em mercados a partir de uma cadeia produtiva integrada.

De modo análogo, tal estratégia também era observada entre as mulheres da ilha de Bubaque, no arquipélago dos Bijagós (Bolama), onde se configuraram distintas formas de organização das relações laborais. Nesse contexto, estabelecem-se acordos entre mulheres proprietárias de canoas e pescadores, nos quais estes se comprometem a fornecer o pescado em duas ocasiões à proprietária, recebendo, em contrapartida, remuneração correspondente a apenas uma dessas entregas. Ademais, a comercialização do pescado tanto proveniente das

mulheres quanto dos pescadores, era realizada pelas próprias mulheres detentoras das canoas, responsáveis por vender os produtos e, posteriormente, repassar aos pescadores o valor obtido. Nos casos em que a totalidade do pescado não fosse comercializada no mesmo dia, o excedente era devidamente apresentado e conservado para venda no dia subsequente. Dessa forma, pode-se deduzir que as relações estabelecidas entre pescadores e mulheres proprietárias de canoas são fortemente pautadas em vínculos de confiança mútua, aspecto fundamental para o funcionamento desse arranjo socioeconômico (Mendes, 2016; Domingues, 2000).

Portanto, a comercialização de peixes na Guiné-Bissau é uma atividade essencial em várias regiões do país, incluindo Cacheu, Bubaque, Bissau, Cacine, Biombo e Urankan, que são centros importantes de pesca artesanal. De acordo com o Relatório de Atividades da Missão⁵ Operação de Instalações Pesqueiras e Promoção de Distribuição (2017), esses locais são reconhecidos como Centros Nacionais de Pesca Artesanal.

Em diferentes regiões, as mulheres desempenham um papel significativo na comercialização de peixes frescos e defumados: Por exemplo, Bubaque e Urankan, nestas regiões as mulheres se concentram mais na venda de peixes frescos, muitas viajam de Bissau para esses locais em busca de peixes para abastecer o mercado da cidade de Bissau. Em Biombo, nesta região, os peixes mais comercializados são peixes defumados, como Bagre fumado, Tainha e Djafal pequenas, entre outras espécies. Esses peixes são transportados e vendidos no mercado local e em diferentes regiões do país. Enquanto na cidade de Bissau, além dos portos como Pinguikiti e Bandim, existem empresas de pesca tanto nacionais como privadas que vendem peixes. As mulheres frequentemente procuram peixes nesses locais para expandir o comércio nos diversos mercados da cidade (Domingues, 2000; Mendes, 2016).

A cidade de Cacine é uma das principais áreas de pesca na região de Tombali, com uma estrutura estabelecida para a pesca artesanal. É o território com mais atividades de defumação de peixes, os peixes defumados são comercializados tanto internamente quanto externamente. esse local tem cerca de 10 pequenas aldeias de pescadores, incluindo Cacine; nestas aldeias, o peixe é vendido e processado, sendo depois transportado para mercados externos como Berlim e Conakri. Gadamael é uma das aldeias que era porto colonial, neste local as mindjeris se envolvem na coleta de mariscos e na defumação de peixes, e as principais espécies de peixes desembarcadas são Djoto, Corvina, Bica e Bentana, sendo vendidas para pessoas locais e aldeões de Bissau. (Relatório de Atividades da Missão Operação de Instalações Pesqueiras e Promoção de Distribuição, 2017).

⁵ Disponível em: <https://openjicareport.jica.go.jp/pdf/12292082.pdf>. Acesso em 15 de abril. 2026.

Resumidamente, a compra e venda dos peixes no país têm muita relevância tanto no aumento das receitas públicas assim como na subsistência e na manutenção das famílias. As bideras de peixe desempenham um papel crucial na cadeia de comercialização de peixe na Guiné-Bissau. Elas geralmente são mulheres que compram peixe diretamente dos pescadores ou das embarcações e o revendem nos mercados locais. Isso o diferencia de outras bideras, que podem se dedicar à venda de outros produtos ou serviços.

5 O IMPACTO ECONÔMICO DAS *MINDJERIS BIDERAS* DE PEIXE PARA A ECONOMIA DO PAÍS

Ao abordar esta questão do impacto econômico, ou seja, a contribuição das *mindjeris bideras* para o crescimento econômico do país, trataremos da compra e venda dos peixes ou outros produtos feitos pelas mulheres assim como das estratégias desenvolvidas por elas para manterem seus negócios e sustentar seus lares.

Camará (2010) afirma que *mindjeris bideras* são consideradas uma categoria muito importante entre os operadores comerciais de Bandim, especializadas nos produtos frescos, especificamente pescado e legumes. Fazem distribuição do peixe para todos os mercados de Bissau e nas regiões. Para Camará (2010),

As bideiras não são um grupo homogêneo”. Podemos caracterizar os vendedores em três grandes grupos: no primeiro grupo, estão aqueles que têm lugares fixos onde fazem as transações comerciais; no segundo grupo estão aqueles que não têm lugares fixos e mudam de lugar de luma e luma; no terceiro grupo, estão vendedores ambulantes que nunca tiveram espaço para exposição das suas mercadorias (Camará, 2010, p. 65).

De acordo com Có (2023), ao analisar a situação das economias formal e informal, podemos encontrar diversas definições de diferentes autores sobre esses conceitos. Observamos o surgimento de novas formas de trabalho que representam um fenômeno socioeconômico emergente, exigindo uma atenção social mais acentuada por parte dos estados nacionais. Esses novos empregos nos quais as mulheres estão inseridas requerem especial consideração das nações. Segundo Bialoborska (2014), na Guiné-Bissau, assim como em outras regiões, o setor informal está diretamente associado a quatro aspectos que dificultam bastante a vida das pessoas que dele dependem: o primeiro, baixos e incertos rendimentos; segundo condições de trabalho precárias; terceira, ausência de direitos e, por último, falta de proteção social. O Bialoborska (2014), salientou que para enfrentar alguns desses desafios foi lançada uma

iniciativa de organização dos trabalhadores informais, resultante tanto de ações dos próprios trabalhadores quanto de estímulos externos, visando à organização dos trabalhadores informais.

É nesta mesma linha que Gomes (2010) apresenta aplicação desse setor, a autora enfatiza que:

Num país como a Guiné-Bissau, em que o Estado não consegue honrar os seus compromissos básicos, inclusive o pagamento regular dos salários e onde mais de 70% da população ativa opera no sector informal, da qual a maior parte das famílias depende, direta ou indiretamente, a economia informal apresenta-se como a mais simples e a menos burocrática, contribuindo de forma decisiva para a resolução imediata dos problemas quotidianos de sobrevivência das populações como a alimentação, o emprego, a saúde e a escolaridade. Na opinião de Mamadu Jao, o que caracteriza a economia informal “é a não existência de registos, a sua mobilidade em termos de espaço físico e as mudanças no tipo de atividades praticadas em função da demanda do mercado, tornando, por isso, o seu controlo e seguimento por parte do Estado muito complicado (Gomes, 2010, p.5).

Diante dessa afirmação, a autora destaca ainda as atividades informais, divididas em três principais categorias: a primeira, consiste numa atividade que possibilite a sobrevivência; a segunda diz respeito a microempresas, isso dá a possibilidade de dar emprego aos trabalhadores terceirizados (trabalhadores familiares, aprendiz etc.); a terceira categoria diz respeito às pequenas e médias empresas, isto é, as empresas que dão trabalhos a um certo grupo de pessoas, aproximadamente de dez pessoas.

Neste sentido, a luta das mulheres pelos seus direitos é também um fator de mudança nas relações de poder, sobretudo no espaço público. A sua presença no mercado informal tem favorecido uma afirmação crescente das mulheres no espaço público. A suas vozes torna-se cada dia mais ouvida e reconhecida. Elas contam muito pouco com o salário dos homens para viver e fazer viver os seus filhos. Como bem assinala Domingues (2000, p. 519):

as práticas das bideras revelam a sua criatividade para ‘utilizar o que estiver à mão’ para, continuamente, renegociarem a suas posições nas hierarquias e assimetrias de poder existentes na sociedade, encontrando forma de evitar o conflito e elaborar soluções consensuais, assegurando sua mobilidade social, através da sua capacidade de se autogerir e se auto-organizarem. (Domingues, 2000, p. 519)

Esta autora põe o acento na organização associativista das *bideras*, em particular nas *mandjuandades* e nas *abotas*.

As *mindjeris bideras* usam/fazem crédito rotativo, *abota*, que significa economia solidária, ou seja, um tipo de associação, denominada *abota*, constitui essencialmente formas de poupança/crédito. Uma *abota* agrupa um número variável e instável de membros, recrutados a partir de interesses financeiros individuais de poupança, com base em relações de confiança mútua, de vizinhança e, principalmente, de trabalho. Segundo os relatos das quatro *mindjeris bideras* a *abota* tem grande importância, porque permiti-as economizar, ou melhor, ter dinheiro

suficiente para suprir as necessidades básicas, através de uma conta rotativa. Para simplificar tal situação citarei a fala da Nélida:

Abota tem grande importância para mim, porque, permiti-me juntar o dinheiro é como investir para futuras despesas extras. (Informação verbal, 2026).

No sistema de *abota*, existe uma responsável que pega todas as contribuições das pessoas que estão no grupo, depois seleciona as pessoas que vão receber diariamente, semanal ou mensalmente dependendo do critério do grupo. Vale frisar que alguns homens também fazem parte dessa *abota*.

Na perspectiva de Borges (2005), os agrupamentos de *abota* ou as associações deste tipo continuam a ser eficazes como meios de poupança e crédito nas sociedades contemporâneas, estando documentadas em múltiplos países com nomes diferentes por exemplo, no Mali existe o *pari*, em Angola a *kixikila*, na Etiópia o *ekub*, no Gana o *osusu*, na Nigéria o *esusu* e o *dashi*, nos Camarões o *djanggi*, no Zaire o *likelemba*, no Senegal o *mbotaye* e na Guiné-Bissau a *abota*. A autora salienta ainda que estes sistemas de poupança e crédito, com recurso à utilização rotativa do montante acumulado, não só são bastante divulgados em África, como têm merecido a atenção da literatura econômica, onde são conhecidos por Rotating Savings and Credit Associations (ROSCA), ou “*tontine*,” respectivamente nos autores anglófonos e nos francófonos.

Em relação ao respeito e reconhecimento, as bideras de peixe são, de algum modo, respeitadas e reconhecidas por sua contribuição para o abastecimento de pescado fresco nas comunidades. Segundo Domingues (2000), esse reconhecimento acerca do trabalho dessas comerciantes resultou em pressão sobre a assembleia legislativa pelas bideras, nomeadamente a associação “Escama”, com o intuito de conseguir melhores condições de trabalho. Aproveitando a instauração de partidos e eleições democráticas, as bideras formaram um grupo de pressão, e o sucesso da sua campanha comprova a sua influência e poder político. De fato, a atividade de venda de peixe é considerada bastante lucrativa, e as bideras são vistas como mulheres prósperas e influentes. Segundo a autora, ao se reconhecer a relevância das mulheres na distribuição de peixe, a principal fonte de proteína animal na dieta das populações, também se reconhece o seu papel essencial na segurança alimentar. Entretanto, a atividade de algumas bideras passou a ser regulamentada por meio do recenseamento das bideras, que agora operam em parceria com empresas de pesca industrial desde 1995.

Porém, as *mindjeris bideras* estão menos inseridas e envolvidas nos circuitos econômicos formais, mesmo assim, elas vendem e pagam impostos e outro tipos de taxa

diariamente, assim é inegável a contribuição das *mindjeris bideras* na economia nacional. Pode-se afirmar que a grande parte da receita de Estado provém dos tributos pagos pelas *bideras* do mercado informal. No dia a dia, elas arcam com taxas diárias de mercado, pagamentos pelo uso de bancas e licenças municipais, além de taxas informais ao buscarem mercadorias para revenda, elas pagam os tributos indiretos embutidos no valor dos produtos, tarifas alfandegarias de importação ou taxas de fronteira. (Có, 2023). Isso quer dizer que essas *mindjeris bideras* contribuem muito na receita do governo, só que a maior visibilidade é dada a contribuição tributária dos trabalhadores efetivos no aparelho do Estado.

6 OS PROBLEMAS E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELAS MINDJERIS BIDERAS DE PEIXES NOS LOCAIS DE COMPRA E VENDA

Apesar da importância das *mindjeris bideras* de peixe, elas também enfrentam muitos desafios nas suas lutas diárias. De acordo com as entrevistas realizadas com as *mindjeris bideras* de peixes, relativamente a pergunta: quais são os principais problemas enfrentados nos locais de compra e venda dos peixes?

As dificuldades relatadas pelas *bideras* são as mesmas: de acordar cedo para o mercado e não conseguir vender quase nada para comprar alimento para o sustento de casa, não ter dinheiro suficiente para comprar quantidade de produtos para ter um pouco mais de lucro. Conforme os relatos delas, o maior problema tem a ver com aumento dos preços dos pescados, isso gera muitas dificuldades. A compra era feita em atacado nos portos de desembarque dos pescados. Para a mensuração dos produtos, utilizavam-se baldes plásticos como unidade de medida, sendo, em algumas situações, substituídos por bacias, conhecidas localmente como “ronca-força”. Os pescados adquiridos pelas *mindjeris bideras* destinavam-se, prioritariamente, aos mercados, onde eram comercializados na forma fresca. De acordo com o relato da interlocutora Aminata, surge com as seguintes informações:

Antes os peixes eram baratos, comprava entre 5 mil e 10 mil uma balde de peixes (que corresponde 50 a 100 reais – grifo nosso), aquelas que eram para pesar numa balança custava 150 a 200 cfc por quilos (comparando com reais o valor saía de 15 a 20 reais cada quilo – grifo nosso), eu conseguia comprar os peixes e vende-lo de uma forma razoável garantir muitas lucratividades. (Informação verbal, 2026).

Nélida reforçou que: *“atualmente tudo mudou, o valor dos peixes é muito elevado não consigo mais comprar em quantidade para revender, muito menos conseguir lucros acessíveis, além do mais, alguns até perdem o dinheiro que investiram”*. (Informação verbal, 2026).

Porém, com os preços dos produtos aumentando, elas também colocam o valor que dá para conseguir um pouco de ganho, o que leva outros consumidores a não comprar os peixes e os prejuízos recaem sobre as bideras. Nélida salientou ainda que, *“a justificativa dos pescadores é que os gelos que levam para pescar são muito caros e a gasolina para abastecimento do motor também ficou caro, por isso os preços aumentaram”*. (Informação verbal, 2026).

O outro fator das dificuldades que essas *mindjeris bideras* enfrentam está ligado à questão dos espaços, gelo e lugar para conservação dos pescados. Às vezes, os lugares de compra e vendas de peixes não estão em condição ou numa situação agradável e sem qualquer equipamento de saúde para proteger das doenças. Segundo a interlocutora Delsa:

Com a chegada da chuva, o mercado fica muito ruim, as humidades e os cheiros de lixos tomam conta dos espaços, mal conseguimos respirar certinho, o mercado não tem boa cobertura dos telhados, motivo que leva a ficar húmido, realizamos as vendas ao lado de lixos o que pode prejudicar a nossa saúde. Os cobradores/câmara chega e faz à cobrança sem preocupar com a nossa saúde, sabendo que através das nossas vendas que pagamos impostos todos os dias e que merecemos um lugar higienizado. São nós mesmos que fazem a limpeza do mercado para poder sentar e vender os nossos produtos. (Informação verbal, 2025).

Além disso, o mercado não tem espaços de conservação. A interlocutora Nezi afirma que: *“existe fraca participação de compra por parte do cliente e quando os peixes não terminam é uma luta de procurar gelo para conservar ou pedaços de pau abandonado para fazer a defumação e se não conseguir os peixes estragam”*. (Informação verbal, 2026).

De acordo com Có (2023), as *mindjeris bideras* que atuam na comercialização de pescado não recebem o apoio necessário por parte do governo. Além disso, observa-se que as autoridades impõem entraves ao exercício de suas atividades no mercado informal, sobretudo por meio de cobranças ilícitas às quais essas trabalhadoras frequentemente são submetidas. Tais recursos, por sua vez, não são destinados aos cofres públicos, tampouco revertidos em melhorias para os mercados. Adicionalmente, verifica-se um significativo déficit de infraestrutura mercantil em diversos bairros, sendo que algumas localidades sequer dispõem de mercados. Essa problemática é ainda mais acentuada nas regiões e zonas rurais do país, onde os poucos espaços existentes encontram-se em avançado estado de degradação, caracterizados pela insuficiência de mobiliário, como mesas e cadeiras, bem como por precárias condições de

higiene. Esses fatores configuram-se como os principais desafios enfrentados por essas trabalhadoras em seus locais de compra e venda.

Para Auzenda Victor Có (2023), o próprio Estado não coopera com as mulheres *bideras*, não implementam políticas públicas que vão satisfazer as necessidades delas uma vez que o objetivo é sair de casa cedo para procurar produtos e, depois, reabastecer os diferentes mercados a fim de garantir a subsistência familiar. O reconhecimento institucional e o apoio governamental seriam fundamentais para fortalecer o papel dessas mulheres na economia do setor pesqueiro. Essas *bideras* de peixe têm um papel central na comercialização de peixe que não é reconhecido pelo Estado, além de contribuírem para a segurança alimentar e a economia local.

De acordo com relatos das interlocutoras o que *as mindjeris bideras* mais precisam é apoio do governo através do um microcrédito que vão lhes ajudar a ampliar mais os seus negócios. Elas deram o exemplo das mulheres de Senegal que conseguiram apoio e empréstimo no banco do Senegal, elas compraram uma quantidade de peixes na Guiné-Bissau e levaram para revender nos outros países. Nélida salienta que:

Nos bideras precisamos de apoio de governo através do microcrédito que vai ajudar a ampliar mais a nossas vendas aqui no país e tanto para comercializar até nós os países vizinhos, como Dakar, Conacri e Mali entre outros países, em vez das mulheres de Senegal virem até Guiné-Bissau à procura dos melhores pescados, nós mesmas podemos fazer isso revender para elas. Nessa ordem de ideia, que apelamos ajuda do governo tanto no microcrédito como na facilitação de licença dos produtos, notas fiscais e nos transportes de boa qualidade, que é também um dos problemas que enfrentamos. (Informação verbal, 2025)

Relativamente a pergunta do questionário, “O que deveria ser feito para apoiar as mulheres nas suas atividades de venda diária, mas que ainda não foi feito? E o que já foi feito, mas precisa ser melhorado?”, direcionada ao interlocutor Lucas, funcionário do ministério da pesca, a resposta foi:

Criação de atalhos para venda do pescado equipados com materiais apropriados, evitando a venda dos produtos de pesca e aberto e no chão; promover campanhas de troca de experiências com as mulheres da sub-região de modo a permitir a expansão do mercado; também às mulheres, perspectiva-se a emissão de cartões ou crachás para as mulheres vendedoras do pescado como formas de facilitá-las o acesso fácil ao pescado proveniente da pesca industrial; O que não foi feito, foi uma construção de um mercado municipal de peixe a nível nacional, a relações com os países da sub-região.

Entretanto, as *mindjeris bideras* apontam que seria importante o governo financiar seu trabalho com um microcrédito, que poderia ser pago de acordo com rendimento do mercado,

sem ou com juros, ou seja, de criar linha de crédito e de financiamento para amenizar as dificuldades que são encontradas em diversas áreas que essas *mindjeris* dependem para realizar e desenvolver os seus trabalhos. Ao adotarem políticas, entre os quais de financiamento, haveria um suporte significativo do governo para suprir a necessidade dessas pessoas a fim de impulsionar essas *bideras* para que elas também possam suprir certas lacunas que o próprio Estado não consegue atender. Percebe-se que o Estado falha na implementação de políticas públicas que favoreçam as mulheres, passando pela inserção social na sua plenitude, reconhecimento social pelas suas contribuições no crescimento da economia do país.

No quadro da política, o governo, através do ministério das pescas, desenvolveu um sistema de regulamentação para as águas da sua zona econômica exclusiva, que controla rigorosamente os navios de pesca estrangeiros, e de pesca artesanal, através de Decreto-Lei 10/2011, para proteger os recursos marinhos, essenciais para a segurança alimentar e a economia, mas concede certo número de licenças de pesca com fins lucrativos. Lucas, funcionário do ministério de pesca, salientou que:

As Licenças de pesca são documentos acessíveis aos pescadores desde que cumpram com os requisitos preestabelecidos no regulamento da pesca artesanal sobretudo no que diz respeito às condições para o exercício da atividade de pesca nas águas sob jurisdição da Guiné-Bissau. Mas o que parece incontrolável é que cada um faz o que quer, sem nenhuma punição por parte do governo. (informação verbal, 2025).

De acordo a entrevista concedida por Aminata:

Quando um pescador estrangeiro chega para realizar a atividade pesqueira na Guiné-Bissau, em vez dele foste para tirar a sua licença da pesca no setor da pesca, o próprio cidadão nacional vai tomar a frente de ir tirar a licença no seu nome como proprietário da canoa assim para poder ganhar algumas percentagens a mais. porque existe valor diferente entre pescadores nacionais e estrangeiro, significa que aquele pescador não pode contribuir no que está na regulamentação ou seja imposto pelo ministério da pesca. Entretanto, o que era para ser colocado no cofre do Estado para fazer a economia crescer e servir para pagar os funcionários nesse setor, não vai. (Aminata a entrevista concedida no dia 10 de março de 2026).

A mesma interlocutora falou do problema que tinha com a canoa que estava gerenciando, que foi apreendido pelo fiscal, o que levou ela a um prejuízo muito grande:

Eu sou gerente de uma canoa, os meus funcionários (pescadores) fostes para o mar a pescar, mas foram apreendidos por pessoal das marinhas (fiscal) onde aplicaram multa de 1.50000 mil CFC, o dinheiro que eles cobram, porém não entra no cofre do Estado. Eu fiquei desesperada, não consegue pagar valor aplicados, pois o que tinha era só para suprimir as necessidades básicas, como sustento de casa, e pagar escola dos meus filhos. Além disso, o que me levou a ficar mais indignada foi a atitude dessas pessoas, alguns funcionários do setor da pesca, apreenderam a canoa com os

peixes, depois venderam e ficaram com todo o dinheiro sem levar para depositar no cofre do Estado, o que é ideal ao fazer. (informação verbal, 2026).

No entanto, a questão de corrupção é muito frequente em alguns instituições do país, e o setor da pesca não ficou por fora, ele ocorre de várias formas através de subornos na fiscalização, subdeclaração de capturas, falsificação de licenças e falta de transparência em acordos com estrangeiras. Esta prática priva o Estado de receitas fundamentais, agentes encarregados de controlar as águas territoriais frequentemente cobram valores absurdos de pescadores artesanais para ignorar infrações, embolsando o dinheiro em vez de declarar ao Estado. Além disso os pescadores estrangeiros têm mais privilégios em termos de documentação, porque eles não agitam de pagar qualquer valor adicionais colocados por parte de alguns funcionários de setor pesqueiro.

Outra coisa é a questão do carimbo, o país não tem selo, o que significa que todos os peixes que saíam do país não fazem mais parte do nosso território, porque não tem identificação da Guiné-Bissau. O que era para ser o ganho do país, sobretudo nos impostos cobrados dos pescadores estrangeiros que pescam no mar da Guiné-Bissau, através de licença de pesca, para o crescimento econômico do setor da pesca, acaba não gerando retorno em função das fraudes. Porém, em contrapartida, os fiscais sempre entram em batalha com pescadores, eles aplicam multa no valor muito elevado, o que leva os pescadores a aumentar os preços de peixes.

Além disso, a regulamentação do transporte de peixes é fundamental, e os transportadores precisam ser instruídos sobre como acondicionar o pescado. A pesca artesanal é predominante no país, estando presente em quase todas as regiões, o que evidencia a importância dessas práticas pesqueiras. Entretanto, o sistema de transporte constitui uma das infraestruturas que mais carece de atenção no país. Não há veículos específicos; os carros que transportam passageiros também são utilizados para o transporte de produtos pesqueiros nas cidades e nas regiões. Em algumas situações, como nos portos, os veículos disponíveis são de péssima qualidade, sendo frequentemente antigos e inadequados para o transporte de pessoas, e é assim que muitas mulheres transportam peixes.

Por outro lado, no que tange ao armazenamento, o pescado deve ser mantido em caixas plásticas limpas, devidamente etiquetadas e dispostas sobre estrados. Espécies distintas precisam ser separadas em diferentes caixas e pilhas. Essas práticas, embora adotadas, se aplicam principalmente ao setor da pesca industrial, que é bastante diferente da pesca artesanal. Além disso, persiste o desafio da conservação, pois o pescado deve ser mantido totalmente

envolto em gelo de qualidade ou em câmaras frigoríficas, algo que frequentemente se torna um obstáculo para as *bideras* durante o processo de comercialização.

As *mindjeris bideras* de peixe, na Guiné-Bissau, são peças principais para sustento de muitas famílias e, apesar de tantas dificuldades, mesmo assim continuam a lutar para o bem-estar familiar. Ainda enfrentam dificuldades durante esse processo, devido à falta de apoio e de políticas do governo voltada para esse ramo de atividade. A classe política não consegue garantir aquilo que é direito dessas *mindjeris bideras*.

7 AS MINDJERIS BIDERAS DE PEIXES EM SUAS ATIVIDADES DIÁRIAS PARA MANUTENÇÃO DE SUAS FAMÍLIAS

Pode-se afirmar que *Mindjeris Bideras* de peixe na Guiné-Bissau possuem um vasto conhecimento e experiência acumulada ao longo de gerações no que diz respeito à compra e venda de peixes, assim como possuem estratégias desenvolvidas para manter seus negócios e sustentar suas famílias, isso é estruturado por uma rede complexa de relações sociais e econômicas. Cada dia começa cedo, antes mesmo do sol nascer, quando elas se dirigem aos mercados locais em busca do melhor pescado, é um ritual diário de preparação e determinação, onde a concorrência é forte e as margens de lucro são estreitas. Apesar das dificuldades, são movidas pela necessidade de sustentar suas famílias e garantir o pão de cada dia.

Ao refletir sobre a sociedade guineense, observa-se que ultimamente as *mindjeris* têm sido fundamentais em manter o sustento da família, devido à situação sociopolítica do país que resulta em um contexto social e econômico desfavorável para a população, para as *bideras* e seus maridos que, na maior parte dos casos, não conseguem trabalho formal. As dificuldades são várias na Guiné Bissau. Desde a independência, o país não consegue progredir em todos os setores, principalmente devido a constante instabilidade política e governamental, durante muitos anos causada por sucessivos golpes de Estado, o que tem afetado o plano de desenvolvimento.

Entretanto, as *mindjeris bideras*, conhecidas como ambulantes, assumem a dianteira da responsabilidade de manter a economia familiar. Elas vendem peixes frescos, salgados, defumados, ou processados de outras formas, aproveitando ao máximo cada parte do pescado e atendendo às diferentes demandas do mercado. Nessa direção, as habilidades desenvolvidas pelas *mindjeris bideras* para manter seus negócios são notáveis na seleção e avaliação de peixes,

na identificação da frescura e qualidade do pescado, observando a aparência, odor e textura, garantindo que ofereçam aos clientes os melhores produtos disponíveis.

Em seguida, uma das habilidades mais importantes delas é a capacidade de negociar e precificar seus produtos. Elas conhecem os preços de mercado, as flutuações sazonais e as preferências dos clientes, permitindo-lhes estabelecer preços competitivos e lucrativos para seus peixes. Além da venda de peixes frescos, as bideras frequentemente diversificam seus produtos para ampliar suas fontes de renda. Portanto, a inserção dessas mulheres tem contribuído para sua autonomia econômico-financeira, para sua emancipação e para uma maior participação na sociedade guineense. As mulheres no comércio informal têm garantido a sobrevivência de muitas famílias, ou seja, são elas que suprem as necessidades básicas da família.

Figura 2 - Mindjer Bidera



Fonte: Forumchinaplp.org.mo

Figura 3 - Venda de peixe fresco



Fonte: Arquivo pessoal

Relativamente à pergunta como elas entraram na “*bida di bidera*” (venda de peixe), as quatro interlocutoras partilham da mesma ideia. Quanto as motivações, duas delas disseram que as motivações têm a ver com legado deixado pela família. Aminata falou que: “*entrei no comércio de peixe, porque cresci vi a minha mãe vender. No início, eu ajudava a minha mãe no mercado até que, em certo momento, eu comecei meu próprio negócio. Eu não tenho filhos, mas hoje em dia ajudo os meus pais na despesa de casa*”. (informação verbal, 2026)

Delsa se inseriu no comércio também com a mesma lógica: “*cresci vi a minha mãe vendendo peixe, daí surgiu a motivação de seguir o mesmo ramo para poder sustentar os meus filhos e ter uma vida melhor*”. (Informação verbal, 2025).

A terceira se inseriu no ramo por causa dos filhos. Conforme Nélida: *“meu marido faleceu e não tenho apoio de ninguém, isso me levou a ingressar no comércio de peixes assim para garantir o sustento da casa”*. (Informação verbal, 2026).

Nezi Afirma que: *“eu vendia frutas, mas parei, porque os ganhos eram poucos, por isso entrei na venda dos peixes, pois tem mais lucros, muito embora existam sacrifícios nesse ramo de atividades”*. (Informação verbal, 2026).

Ao longo das análises das interlocutoras, percebe-se que a maioria das *mindjeris* se inseriram no mercado informal por várias razões, dentre elas, a falta de acesso ao emprego formal. Muitas mulheres que têm emprego formal também se deparam com a dificuldade, tais como não pagamentos de salário por parte do governo ou salários em constante atraso, fato que é muito comum no país. Por outro lado, mulheres que ficaram viúvas sem nenhum apoio para subsistências das famílias, outras devido à instabilidade política e econômica do país, preferem não ingressar na escola para comercializar os seus produtos, pois esta atividade ajuda a pagar as despesas de casa e escola dos filhos, ou dos seus irmãos mais novos.

De acordo com Fernando (2010), as mulheres que atuam como *bideras* exercem suas atividades no mercado sem abandonarem seu papel no espaço doméstico. Para Fernando (2010), estes ambientes representam, para elas, verdadeiros espaços de vida. Neles, resolvem as demandas do lar e do comércio. A casa fica dentro do mercado. É comum ver mães levando seus filhos pequenos, ainda em fase de amamentação, para os mercados. Os filhos, ao saírem da escola, costumam passar para ajudar as suas mães ou para compartilhar as refeições que estão sendo preparadas no local, seja por elas mesmas ou por uma amiga *bidera* que vende alimentos. Muitas vezes, os filhos aproveitam a oportunidade para solicitar dinheiro, seja para comprar mais um caderno, um livro, medicamentos para si ou para um irmão que esteja com febre. Em algumas situações, conseguem até um dinheirinho para adquirir uma bola ou uma camiseta, como recompensa por ajudar nas tarefas e um bom comportamento

De acordo com questionários direcionados para filhos(as) de *bideras*, relativamente a pergunta: você dá apoio a sua mãe nas suas atividades de venda e como ajudava em casa? Ou vai junto no mercado com ela?

A interlocutora Rute Jose Cabral respondeu: *“sim, quando ela volta com o resto de peixe, ajudo ela a defumá-los e vendê-los no bairro”*. (2025).

As (os) interlocutoras(es) apontam os motivos pelo qual eles/as ajudam as suas mães nas atividades comerciais, podemos ver a resposta do Bill Clinton Nanque que diz:

Sim, eu ajudava muito a minha mãe nas suas rotinas de vendas, eu ajudava a carregar as caixas de peixes, porque são pesados, eu ajudava no controle dos seus clientes que vão comprar os peixes. Portanto, eu ficava com ela no mercado desde de manhã até o horário de voltar para casa. (2025)

No âmbito social, conforme argumenta Có (2023), a atuação das *bideras* exerce impactos significativos na sociedade guineense, tanto sob a perspectiva econômica quanto no que se refere às dinâmicas sociais. Essas mulheres desempenham papel fundamental na manutenção das condições de vida familiar e no apoio à educação de seus filhos. No contexto atual da Guiné-Bissau, as *mindjeris bideras* destacam-se como principais responsáveis pelo acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem.

Considerando as limitações do sistema público de ensino, frequentemente afetado por paralisações, muitas dessas mulheres priorizam investimentos na educação dos filhos, recorrendo ao ensino privado, geralmente frequentado por grupos com maior poder aquisitivo, incluindo as elites políticas e econômicas do país. Elas trabalham arduamente vendendo peixes para custear a educação dos filhos em escolas privadas.

Dessa forma, observa-se que a atuação das *bideras* têm sido determinantes para que numerosos estudantes consigam concluir o ensino médio e ingressar no ensino superior, evidenciando sua relevância no fortalecimento das trajetórias educacionais no país. Portanto, as mulheres possuem um papel importante na sociedade guineense. Tanto na arena pública como no privado, especialmente na manutenção da família.

Perante o exposto, acreditamos que se debruçar sobre a atuação das *mindjeris bideras* é uma das formas de ver e reconhecer o quanto elas desempenham um papel preponderante para manutenção e sobrevivência dos seus familiares. Sem falar dos seus contributos para o crescimento econômico do país.

É importante frisar que os peixes possuem diversas formas de transformação. Na mesma lógica de raciocínio, Fernandes (2012) enfatiza:

A transformação do peixe se faz segundo três processos principais, a fumagem, a salga e a secagem – *pis fumadu, escalada, cassequê*. A transformação dos mariscos e crustáceos segue processos idênticos com resultados muito apreciados por serem também condimentos na preparação dos pratos – *djorontchi, cuntchurbedja*. O peixe e os mariscos frescos e transformados são vendidos expostos por cima de panos, esteiras ou nas mesas improvisadas das feiras e *lumos*, medidos em canecas, em quantidade correspondente a uma mão que se chama *muntu* e em recipientes em plástico que substituíram os balaies que se designam por *bacia*. As *bideiras* quando compram nos pescadores usam como unidade de medida o balde de plástico ou a *massa*, um instrumento de plástico sob a forma de um retângulo que foi introduzido pelos projectos de desenvolvimento, em particular, a Pescarte. (Fernandes, 2012, p. 30).

Diante dessa assertiva, pode-se compreender que, as *mindjeris bideras de peixe* não pescam e compram apenas os peixes para vender, mas também, usam as suas energias para tratá-los, como se pode observar nas imagens subsequentes:

Figura 4 - Início de defumação de peixe



Fonte: Adaptado de Có (2023).

Figura 5 - Peixe defumado pronto



Fonte: Adaptado de Có (2023).

O peixe defumado na Guiné-Bissau reflete a diversidade e riqueza da indústria pesqueira local. É uma prática tradicional valorizada tanto pela população local quanto pelos mercados sub-regionais e internacionais, oferecendo um sabor autêntico e contribuindo significativamente para a segurança alimentar e nutricional e a economia do país. Portanto, essas descrições destacam a diversidade de atividades de pesca, processamento e comercialização realizadas por mulheres em várias regiões da Guiné-Bissau, contribuindo significativamente para a economia local e para o abastecimento de alimentos frescos e defumados em diferentes mercados. Assim, muitas *bideras* de peixe atuam de maneira autônoma, gerenciando seus próprios negócios e receitas, o que lhes confere um nível de autonomia econômica e social, permitindo que contribuam de forma significativa para suas comunidades e famílias.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou a análise de como as *mindjeris bideras* deram e dão as suas contribuições em prol do desenvolvimento das suas comunidades, familiares e do país. Elas exercem uma atividade que contribui para as dimensões econômicas,

sociais e políticas do país. Este trabalho também nos permite entender quais as dificuldades que as bideras enfrentam no percurso de comércio informal, a sua inserção social, os tipos de sacrifício diários enfrentados por elas.

Essas atividades comerciais têm impactos positivos na sociedade guineense, é um pilar importante para o desenvolvimento socioeconômico. O setor da pesca é um dos setores mais importantes na economia da Guiné-Bissau, porém, ele não tem recebido a devida atenção por parte das autoridades competentes desse país, sobretudo a pesca artesanal. Os problemas frequentemente estão relacionados à falta de organização e estrutura, ausência de dados sobre os recursos utilizados, além de fiscalização, políticas e gestão inadequadas.

Portanto, as mulheres *bideras* e transformadoras do pescado exercem um papel crucial no abastecimento dos mercados nacionais em pescado e conseqüentemente na melhoria da dieta alimentar das nossas populações, assim como na transformação, transporte e comercialização do pescado. Destarte, muitas bideras de peixe atuam de maneira autônoma, gerenciando seus próprios negócios e receitas, o que lhes confere um nível de autonomia econômica e social, permitindo que contribuam de forma significativa para suas comunidades.

Atualmente, na Guiné-Bissau, as *mindjeris* bideras são as que mais cuidam do processo de ensino-aprendizagem dos filhos, ou seja, da educação e da sobrevivência das suas filhas e dos seus filhos. Como disse o ditado em língua guineense (crioulo), *Mindjer i Firkidja di kasa*, isso quer dizer que mulher é o pilar da casa (responsável pelas despesas de casa). Todavia, a rotina diária inicia-se nas primeiras horas da manhã, antes do nascer do sol, quando essas *mindjeris* se deslocam aos mercados locais com o objetivo de adquirir peixes de melhor qualidade. Trata-se de um processo contínuo que exige planejamento, preparo e elevada determinação, especialmente em um contexto marcado por intensa concorrência e margens de lucro reduzidas. Apesar dos desafios enfrentados, a permanência nessa atividade é impulsionada pela necessidade de assegurar a subsistência familiar e garantir os meios básicos de sobrevivência cotidiana.

REFERÊNCIAS

BIALOBORSKA, Magdalena. Dinâmicas e constrangimentos nos processos de organização dos trabalhadores informais na Guiné-Bissau. **Revista Angolana de Sociologia**, n. 14, p. 91-111, 2014.

BORGES, Maria Manuela. As mulheres em África: dinâmicas informais de socialização, educação, reprodução e inovação cultural. **Revista Educação em Questão**, v. 22, n. 8, p. 7-33, 2005.

CABRAL, Aníbal Paulo. O processo de planeamento estratégico em turismo e o desenvolvimento sustentável: o caso da Guiné-Bissau. 2019. Tese de Doutorado. Cunha, Labrantes, A. (2013), Introdução ao Turismo, 5ª Edição, Lidel.

CAMARÁ, Samba Tenem. **Estatuto, funcionamento e organização dos Mercados Periódicos na Guiné-Bissau** – estudo de caso no luma de Mafanco.. Lisboa: ISCTE-IUL, 2010. [Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Africanos]. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/38680269.pdf>. Acesso em 31 de agosto de 2025.

CÓ, Auzenda Victor. **Inserção das mindjeris bideras no mercado de peixes na Guiné-Bissau: a luta pela subsistência diária da família (2012-2022)**. 2023. Disponível em: <https://openjicareport.jica.go.jp/pdf/12292082.pdf>. Acesso em 15 de abril. 2026.

DOMINGUES, Maria Manuela Abreu Borges. “**Estratégias femininas entre as bideiras de Bissau**”, (Dissertação de doutoramento em Antropologia Cultural e Social), Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas 669p. 2000.

FERNANDES, Raul Mendes. **O informal e o artesanal: pescadores e revendedeiras de peixe na Guiné-Bissau: fronteiras pós-coloniais: rigidez, heterogeneidade e mobilidade**. 2012, 264f. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra, Coimbra (Portugal).

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs). **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas S. A. 1996.

GIL, Antonio Carlos; DOS REIS NETO, Aline Crespo. Survey de experiência como pesquisa qualitativa básica em administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 22, n. 56, p. 125-137, 2020.

GOMES, PATRICIA ALEXANDRA *et al.* **As mulheres do sector informal. Experiências da Guiné-Bissau**. In: Africa. Puentes, conexiones y intercambios (Actas del VI Congreso Ibérico de Estudios Africanos), Las Palmas de Gran Canaria, 2009. 2010.

GUINÉ-BISSAU. Ministério das Pescas. Lei Geral das Pescas. Bissau: Boletim oficial da Guiné-Bissau Nº 23. 2011. P.72. Disponível em: <https://pescas.gw/gestao/assets/uploads/files/Lei%20Geral%20das%20Pescas.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2026.

GUINÉ-BISSAU. Secretaria de Estado do Comércio. Guiné-Bissau para além de castanha de caju: Diversificação através do comércio, 2010. Estudo do diagnóstico de integração do 94 comércio para o melhoramento do quadro integrado de assistência técnica para Assuntos do Comércio Internacional, p. 143-159. Disponível em:

<https://documents.banquemondiale.org/fr/publication/documents-reports/documentdetail/314531468034873380>. Acesso em: 31 de mar. 2026.

KATUMBI PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS. Entrevista com Miguel de Barros - Parte 3.30/12/2022. Disponível em:
https://www.facebook.com/watch/?v=556980979679169&extid=NS-UNK-UNK-UNK-AN_GK0T-GK1C&mibextid=1YhcI9R&ref=sharing. Acesso em: 07 jun. 2023.

MENDES. Hipólito. **Mindjeris Di Guiné-Bissau Tené Balur**. 2016. Dissertação (Bacharel em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), São Francisco do Conde-BA.

QUIVY, Raymond; CAMPENHAUDT, Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Grávida publicações, 1998.

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU. Ministério da Economia e Finanças Instituto Nacional de Estatística (INE). **Inquérito Regional Integrado sobre Emprego e Setor Informal (ERIESI)** Guiné-Bissau, 2017-2018, outubro 2019.

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU. Anuário Estatísticas Vitais da Guiné-Bissau. Instituto Nacional de Estatísticas Avenida Amílcar Cabral, Bissau 2018-2022.

PREMEBIDA, Adriano; et.al.: Pesquisa Social. Curitiba: Intersaberes, 2013. Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/pesquisa-social-questionario-entrevista/>. Acesso de 04 de jun. de 2026.

SÁ, Geny Gil. **Pesca Artesanal Na Bacia Do Rio Buba, Guiné Bissau/África**: Uma Abordagem Multidimensional. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Ceará Pró- Reitoria de pesquisa e Pós-graduação, Fortaleza, 2017.

TÉ, Gualdino Afonso. **Pescarias industriais de arrasto na plataforma continental da Guiné-Bissau**. 2005.

TEIXEIRA, Sebastião Ribeiro D.'Alva. **Caracterização e análise da sustentabilidade da atividade pesqueira** na República da Guiné-Bissau, costa ocidental da África. 2022.